

O CAMPO E A URBE: LITERATURA E HISTÓRIA EM “A CIDADE E AS SERRAS” DE EÇA DE QUEIROZ

MARCELO FRANÇA DE OLIVEIRA *

RESUMO: O presente artigo se propõe a analisar, sob a perspectiva da História da Literatura, o romance “A cidade e as serras” de Eça de Queiroz, a partir de conceitos do materialismo histórico. Analisa a obra em si e seu diálogo com a conjuntura europeia da época que trata a narrativa, notadamente a dicotomia entre a civilização urbana da segunda Revolução Industrial, personificada na cidade de Paris, e o mundo rural representado pelas serras portuguesas como sua antítese.

PALAVRAS-CHAVE: História da Literatura; Eça de Queiroz; A cidade e as serras.

ABSTRACT: This article analyzes the novel “A cidade e as serras” (the city and the mountains) of Eça de Queiroz, under the perspective of the history of literature, and from concepts of historical materialism. Analyzes the work itself and its dialogue with the European situation of the time dealing with the narrative, namely the dichotomy between urban civilization of the second Industrial Revolution, personified in the city of Paris, and the rural world represented by the Portuguese mountains as its antithesis.

KEYWORDS: History of Literature, Eça de Queiroz, The city and the mountains.

* Mestre em História PPGH-FURG. Doutorando em História da Literatura PPGL-FURG. E-mail: oliveira.marcelo@live.com

Introdução

O romance póstumo *A cidade e as serras* (1901), do escritor português José Maria de Eça de Queiroz, justapõe duas realidades distintas: a ideia de progresso da urbe burguesa, em choque com a rusticidade e simplicidade do mundo rural interiorano, perpassando pela crítica do autor à primeira realidade, de acordo com a narrativa construída. A história tem como cenários principais a cidade de Paris, exemplo maior e produto de uma sociedade capitalista cuja burguesia triunfante ao *Ancien Régime* ascendeu ao topo do tecido social, político e econômico pós-revoluções burguesas na Europa industrializada, e as Serras de Portugal, apresentada como antítese daquele outro cenário e onde seria possível a ação do indivíduo, distanciando-se da inércia e indiferença que talhava a personalidade da personagem principal na primeira parte da obra.

Para analisá-lo sob a ótica do materialismo histórico, nosso aporte teórico será a partir dos pressupostos de Williams (2011) e Engels (2010) que, apesar de os autores versarem sobre as realidades da Grã Bretanha de meados e fins do século XIX, os universos ali retratados tem correspondência muito próxima de outros países europeus em igual estágio de desenvolvimento capitalista, ou seja, urbanização em consolidação, avanços tecnológicos e um certo refinamento social burguês, aspectos da chamada “civilização”. Paris rivaliza ou, em alguns aspectos, supera a capital inglesa, o que torna plenamente possível o empréstimo dos conceitos sem prejuízo da análise empreendida. Além disso, a análise de Williams explora a construção da cidade e do campo sob a perspectiva da História da Literatura, em sintonia com nossa abordagem para este artigo.

Considerações gerais sobre a obra

A cidade e as serras foi publicado pela primeira vez após a morte de Eça de Queiroz, ocorrida em 1900. Os originais do livro

teriam sido confiados ao amigo e editor, Ramalho Ortigão, que os teria revisado e submetido à sua edição impressa. A ideia central da narrativa gira em torno da vida de Jacinto, um rico herdeiro de terras em Portugal que vive em Paris às custas da riqueza produzida no seu país de origem, mas narrada pela personagem de José Fernandes, oriundo do mundo rural e que irá passar um tempo na casa parisiense, a partir de onde se inicia a narração. Costurando as cenas, evidencia-se a oposição entre a cidade tipicamente burguesa e as serras rurais de Portugal.

Williams (2011:11) destaca que, historicamente, na Literatura que aborda tais temas de encontro e/ou oposição do campo e da cidade, é comum termos uma generalização e cristalização de “atitudes emocionais poderosas”, onde o campo passa a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples – enquanto a cidade é associada à ideia de centro de realizações (saber, comunicações e luz). Mas também comportam associações negativas, como a mundanidade, o barulho e a ambição encontradas no coração capitalista; e de lugar de atraso, ignorância e limitação, no caso do espaço rural. Estes aspectos, em seu lugar e tempo, são tratados em “As cidades e as serras”, ainda que suas interpretações durante a narrativa não seja um todo monolítico, ao contrário, os posicionamentos e sentimentos acerca destes mundos vão trocando de lugar, principalmente através da personagem de Jacinto.

É de se destacar também, como apontou Gagliardi (2006), os aspectos da obra que apresentam alguns desafios fundamentais para a Teoria da Literatura, apesar de não ser o objetivo principal deste artigo, cabe destacá-los como forma de delimitar esta obra: 1) quanto à verdadeira autoria do livro (há desconfiças sobre o “descobridor” do manuscrito, Ramalho Ortigão, ter alterado ou concluído o texto original); 2) se se trata de romance ou conto, e se romance, de que tipo, uma vez que se enquadra a contento tanto em *de ação*, *de personagem* e *de espaço*; 3) o do foco narrativo, onde quem conta a história é José Fernandes (uma falsa personagem secundária, uma vez que sua presença é fundamental não apenas como instância narrativa, mas por também ajudar a definir o destino de Jacinto); e 4) o do tipo de personagem, uma vez que

Jacinto não é nem completamente *plano*, nem totalmente *esférico*, mas talvez uma mistura de ambos de acordo com as fases do romance.

A cidade

A Europa de fins do século XIX experimentava uma euforia otimista em relação às realizações e potencialidades das inovações tecnológicas decorrentes da Segunda Revolução Industrial. Concomitante com o avanço científico e tecnológico, o continente, em especial sua porção ocidental, passou a ter um aumento geral do padrão de vida da maioria da população, em parte como resultado daquelas inovações. Naturalmente, ainda havia, tanto na cidade quanto no campo, um grande número de pessoas pobres ou marginalizadas do processo de acumulação capitalista, mas também é verdade que a burguesia e as camadas médias passavam a desfrutar de benefícios proporcionados pelo progresso industrial, e em decorrência disto passam também a ser inseridas em um universo de consumo de bens e serviços inimagináveis nos séculos anteriores, em virtude de novos materiais (aço barato) e novas técnicas (força elétrica). Burns (2001:607) diz que “o maior consumo de bens não era de modo algum uniforme; era maior nas áreas urbanas e industriais do que no campo”, criando já aí a primeira das dicotomias entre um e outro universo. Apesar disso, não eram mundos essencialmente excludentes, uma vez que havia a interação – e, em alguns casos, deslumbre – de um modo de vida em relação ao outro, “na medida em que fazendeiros e suas mulheres viajavam de trem às cidades viam coisas que não tinham imaginado poder possuir e então decidiam que deviam gastar as economias para possuí-las” (BURNS, 2001:607).

Engels diz que, uma cidade como Londres, e acrescentamos a Paris de fins do século XIX, por analogia, onde é possível “caminhar por horas e horas sem sequer chegar ao princípio do fim, sem encontrar o menor sinal que faça supor a vizinhança do campo, é verdadeiramente um caso singular” (ENGELS,

2010:67). Singular por definir uma separação, outrora indistinta, de dois mundos: o urbano e o rural. Esta separação, ou antes a construção da moderna urbe, não foi feita sem sacrificar “a melhor parte de sua condição de homens”, ainda que permaneçam, inativas porque asfixiadas, “mil forças latentes” daquela condição esquecida. Mas o que distingue as relações sociais entre um e outro universo? Ainda para Engels, (ENGELS, 2010:67-68).

Tão logo é apresentada por Zé Fernandes a saga “dos Jacintos” até o nascimento do rico fidalgo protagonista das desventuras em terras francesas, é possível identificar aspectos que povoavam as distintas realidades e que foi utilizada pelo autor para construir não apenas sua trama, mas também sua crítica. De fato, na primeira parte do livro, onde a ação se dá na cidade, Paris é apresentada como o exemplo máximo do esplendor da vida urbana burguesa, com seus aparatos tecnológicos e refinamentos em grau máximo, convivendo em aparente conciliação com valores aristocráticos representantes do *Ancien Régime* e seus ritos, sociabilidades, fidalguia nobiliárquica etc. E assim, ao narrar através dos olhos de José Fernandes esta sociedade, Eça de Queiroz estabelece sua crítica em níveis próximos à caricatura, revelando a frivolidade e a dissociação das elites da burguesia e da nobreza do resto da realidade daquele tempo.

O Jacinto da cidade é pintado com as cores de sua época: cria da urbe, reproduz primeiro o encantamento com os tempos de modernidade e progresso material a que está inserido, para mais tarde revelar um fastio pela completa saciedade existencial, proporcionada por possuir ele o capital e não ter outro trabalho a não ser o gozo da vida e suas obrigações sociais. Ideologicamente, e dentro da estrutura capitalista, conhece ou teve contato com todos os “ismos” em moda no seu tempo, mas em especial revela grande identificação com a filosofia pessimista de Shopenhauer, aliás, expressão da segunda metade do século XIX segundo Natário (2008). A indiferença e o tédio atingem o protagonista em uma escalada de intensidade, fazendo que vá perdendo o viço e o ânimo paulatinamente. A sociedade que o rodeia demonstra uma frivolidade máxima e caricata no caso da avaria nos encanamentos e que provocou um pequeno incêndio

na tecnológica e rica morada dos Campos Elísios, nº 202: causou comoção das elites, nota na imprensa e curiosidade geral. Em suma: um incêndio, mesmo de pequenas proporções, foi um fato social e promoveu um frenesi digno de um acontecimento.

A rica elite da qual fazia parte era demonstrada através dos banquetes e recepções de que tomava parte, seja como convidado, seja como anfitrião. Em uma destas ocasiões, um participante declarou que ali “só faltava um general e um bispo”, ao que Zé Fernandes concordara: “com efeito! Todas as classes dominantes comiam nesse momento as trufas do meu Jacinto”. E assim, nem seus 30 mil livros (ou 70 mil), nem os instrumentos tecnológicos que proporcionavam-lhe toda a sorte de conforto causavam no protagonista algum anseio por novidade ou encantamento com alguma coisa, vivendo cada vez mais alheio, cada vez menos interessado. Pois foi em um passeio à Basílica do Sagrado Coração, ainda em construção naquela época nos altos do Montmartre, é que Zé Fernandes filosofa junto a Jacinto sobre a condição da cidade como uma ilusão, “e a mais amarga, porque o homem pensa em ter na cidade a base de toda a sua grandeza e só nela tem a fonte de toda a sua miséria”, e onde “a vida é um constante solicitar, adular, vergar, rstejar, aturar”, sobretudo a alguém “rico e superior como o Jacinto” que a sociedade “logo o enreda em tradições, preceitos, etiquetas, cerimônias, praxes, ritos, serviços mais disciplinares que os do cárcere ou dum quartel”. Também expõe que:

Só uma estreita e reluzente casta goza na cidade os gozos especiais que ela cria. O resto, a escura, imensa plebe só nela sofre, e com sofrimentos especiais que só nela existem! Deste terraço [...] bem avistamos nós o lóbrego casario onde a plebe se curva sob esse antigo opróbio de quem nem religiões, nem filosofias, nem morais, nem a sua própria força brutal a poderão jamais libertar! [...] Os séculos rolam; e sempre imutáveis farrapos lhe cobrem o corpo, e sempre debaixo deles, através do longo dia, os homens labutarão e as mulheres chorarão. E com esse labor e esse pranto dos pobres, meu Príncipe, e edifica a abundância da cidade! Ei-la agora coberta de moradas em que eles se não abrigam, armazenada de estofos, com que eles se não agasalham, abarrotada de alimentos, com que eles se não saciam! [...] a neve cai, muda e branca

na treva; as criancinhas gelam nos seus trapos; e a polícia em torno, ronda atenta para que não seja perturbado o tédido sono daqueles que amam a neve, para patinar nos lagos do Bosque de bolonha com peliça de três mil francos. [...] A tua civilização reclama insaciavelmente regalos e pompas, que só obterá, nesta amarga desarmonia social, se o capital der ao trabalho, por cada arquejante esforço, uma migalha ratinha. Irremediável é, pois, que incessantemente a plebe sirva, a plebe pene, a esfalfada miséria é a condição do esplendor da cidade.

Neste sintomático trecho vemos a revelação da crítica social à cidade feita por Eça pelas palavras de Zé Fernandes, onde o homem comum, que vende sua força de trabalho para o capital, se vê expropriado pela mais valia e alienado do processo final e das benesses da riqueza propiciada pelo seu trabalho entregue, e enquanto isso a rica elite capitalista prospera na mesma proporção que empobrece o proletariado vítima da prática. O próprio Jacinto, enquanto capitalista (recebe de suas propriedades em Portugal sua centena de contos todos os meses sem participar sequer de suas administrações), sendo “saudável, intelectual, riquíssimo e bem-acolhido” tombara ao pessimismo por essa dissociação do trabalho, sem ter de se preocupar, como os explorados pela estrutura vigente, com “a angustiada luta pelo pão, pelo teto, pelo lume”.

As serras

O historiador português José Tengarrinha já desfez o mito da construção tradicional historiográfica portuguesa, sobretudo de tradição oitocentista, sobre as características de atraso e obscurantismo das populações rurais daquele país europeu do século XIX. Segundo ele,

Continuaram a ser predominantes as generalizações e as redutoras abstrações da historiografia oitocentista, que se limitara a salientar ou a passividade e apatia das populações rurais ou o seu apoio ao regime absoluto e ao miguelismo. No primeiro caso, chegava a admitir-se que essa massa amorfa e submissa só se alterava, de muito em muito longe,

em explosões desesperadas; mas, reduzidas estas a meras reações reflexas de estímulos conjunturais, não se lhes reconhecia qualquer projeto ou alcance nos acontecimentos políticos nem sequer alguma articulação dinâmica com o conjunto da sociedade. No segundo caso, imprimia-se um sentido político único à movimentação rural em Portugal no final do Antigo Regime e primeiros anos do regime liberal; o que era, obviamente, absurdo (TENGARRINHA, 2000:188).

Apesar disto, Eça de Queiroz apresenta um mundo em que o campo, ou antes, os habitantes desse campo, estavam mais próximos à caricatura pintada por estes historiadores dos oitocentos do que com as características mais verossímeis, segundo as pesquisas de Tengarrinha. Uma das hipóteses é de que o autor de “As cidades e as serras” era um intelectual de seu tempo, que influenciava mas também era influenciado pelos seus pares, e como homem de seu tempo é natural supor que as teses mais populares da época eram também as que comungava. A despeito do tipo de visão apresentada estar ou não em sintonia com a veracidade histórica, cumpre aqui a tarefa de olharmos para a obra, tal qual foi edificada pelo autor. Neste sentido, Williams afirma que o cognoscível não deve ser apenas a função dos objetos, ou cenários, mas também a função dos sujeitos, dos observadores, do que é desejado e se precisa conhecer: “e o que temos de ver então, como sempre, na literatura rural, não é apenas a realidade da comunidade rural: é também, a posição do observador nela e em relação a ela; uma posição que faz parte da comunidade que se quer conhecer” (WILLIAMS, 2011:278-279).

E é assim que, após a influência de Zé Fernandes e com a desculpa de recolocar os ossos de seus antepassados no jazigo ancestral de sua família, desalojados após uma enxurrada na antiga propriedade nas Serras de Portugal, Jacinto decide ir para o local, não sem antes providenciar que ali tivesse de todo o luxo e conforto a que estava acostumado em Paris, de homem burguês e urbano. Alguns desencontros e privações, ao chegar ao seu destino ocorre a transformação da personagem na troca do cenário: a requintada e civilizada Paris, que tanto sufocava e entediava a personagem, dá lugar à rusticidade campesina, que lhe devolve o viço, a cor e o ânimo. O que encontra, ao chegar em sua propriedade rural

em Tormes, é a exata antítese de sua antiga morada: sem luxos, sem recurso algum, isolado, sem roupas, mobília, livros, culinária de renomados *chefs*, aparelhos e tudo o mais que o rodeava e o separava do homem comum, ali é obrigado a experimentar aquilo que sempre lhe causou horror. O novo, afinal, não se revela na monstruosidade que antes supunha, e adapta-se à nova vida com gosto e sem saudosismo ao 202. As comidas simples passam a saciar sua nova fome, aquela que nunca sentira na cidade, e as favas que sequer gostava no ambiente urbano são iguarias nos seus novos domínios. Antes, a vida e as sociabilidades pareciam-lhe total e completamente inúteis, ao passo que, no campo, “tudo é útil, até as minhocas são úteis”, como declara em conversa com seu amigo narrador. Conserva, contudo, alguns traços da urbanidade filha da revolução tecnológica, como a pressa. Crê que plantar uma árvore, um Eucalipto que seja, demora demais para crescer: “tudo leva tanto tempo”, exclama. Também o desejo que o desenvolvimento, algum desenvolvimento ao menos, chegue naquele remoto interior. Assim, traça planos para implantar criação de animais, uma indústria de queijos, aproveitando os novos animais que pretende instalar na propriedade, no que encontra resistência do seu administrador, tipicamente representando a relutância do próprio Portugal em implementar mudanças, ainda tão atrasado e dependente das economias mais fortes como da Inglaterra, França e Alemanha, já muito mais adiantadas em sua industrialização e seu estágio no sistema capitalista. Portugal em fins do século XIX, ao contrário, ainda era essencialmente agrário, sem manufaturas relevantes, de maioria da população rural e analfabeta e com um sistema político de decadência da monarquia, que viria a cair em 1910.

As poucas leituras que acompanham Jacinto nesta nova fase também são sintomáticas quanto ao seu papel na estrutura portuguesa daqueles tempos. Ao ler *Dom Quixote* e a *Odisseia*, destaca-se a figura do herói, atípico no primeiro caso, clássico no segundo, mas movidos por ideais nobres, e também o sentimento de epopéia, de retorno as origens, de reencontro com seu passado. Ao abandonar o luxo e o fausto da rica cidade e tomar contato com a pobreza e necessidades todas que assolavam as gentes a

seu próprio serviço e que ignorava antes completamente, decide dar-lhes moradas e condições mais dignas, no que é chamado de “o protetor dos pobres”, ou até mesmo tomado pelo próprio rei Sebastião que enfim retornara. O Silvério, administrador de Tormes, replica, ao contestar as determinações do chefe: “mas então, excelentíssimo senhor, é uma revolução”. Uma revolução de cima para baixo, feita não pelas classes proletariadas vítimas da exploração, mas pela generosidade do capitalista que era alheio ao sofrimento e privações das populações que ali tinha a seu serviço. Então emergia na mesma personagem um novo homem: o típico capitalista alienado da cidade dava lugar ao rural autointitulado “socialista” (ainda que dialeticamente permanecendo capitalista, ou seja: possuidor e controlador do seu capital e dispondo do trabalho assalariado), definido por ele e explicado por Zé Fernandes à sua tia Vicência que, por socialista, queria dizer “pelos pobres”.

A narrativa termina com a volta de Zé Fernandes à Paris, cinco anos após a chegada e a transformação de Jacinto, apenas para constatar, finalmente, que “apenas dois impulsos únicos, correspondendo a duas funções únicas”, pareciam estar vivos na multidão urbana: “o lucro e o gozo”, e que da cidade também não queria mais nada, pois lá permanecendo, sua alma “se contrairia, se tornaria um duro calhau de egoísmo”.

Considerações finais

Devemos considerar o alerta de Williams a respeito das temporalidades quando analisamos obras a respeito do campo e da cidade: enquanto a imagem comum do primeiro é a do passado (arcaico, ultrapassado, feudal), a segunda tem sua imagem atrelada ao futuro (dinâmico, moderno, capitalista) e, assim separados, fica faltando o presente, não plenamente contemplado em nenhuma destas ideias (2011:383). Assim é no romance de Eça de Queiroz, onde o lugar do presente é o da tensão, o do limiar dos dois diferentes mundos, o período tanto temporal quanto espacial da transição. Também merece nossa atenção que

os espaços tanto da cidade quanto do campo não são os da massa operária ou campesina, das camadas baixas, mas, obviamente, da elite, o que também deve ser considerado ao tipo retratado:

Essa vida fervilhante, de lisonja e suborno, de sedução organizada, de barulho e tráfego, com ruas perigosas por causa dos ladrões, com casas frágeis e amontoadas, sempre ameaçadas de incêndio, é a cidade como algo autônomo, seguindo seu próprio caminho. Assim, refugiar-se desse inferno no campo ou na costa já é uma visão diferente do simples contraste entre a vida rural e a urbana. Trata-se, naturalmente, do *rentier*¹, o campo fresco no qual o poeta se refugia não é o do agricultor, e sim do morador desocupado. As virtudes rurais permanecem apenas como lembranças [...] (WILLIAMS, 2011:82).

Jacinto vivia de rendas tanto na cidade quanto no campo, era o que garantia seu sustento de homem abastado. Apesar da rusticidade e de alguns eventuais envolvimento que tomaram seu tempo na segunda parte da obra, não se pode caracterizar como um trabalho, no sentido produtivo capitalista de assalariado. Temos então as caracterizações dos espaços urbanos e rurais por uma ótica muito específica: a da elite burguesa capitalista.

Em linhas gerais, além do choque dialético entre os espaços da cidade e do campo, sempre atizado pela posição do narrador enquanto observador e influenciador das mudanças e permanências de Jacinto, chama a atenção a aparente inversão dos valores da lógica capitalista – e aqui percebemos a crítica do autor –, ou seja, um Portugal arcaico, ainda com resquícios feudais, sem industrialização relevante e em um capitalismo incipiente, era cotado ao grau de elevação frente ao capitalismo urbano, o da revolução industrial pujante, dos modernos meios de comunicação e de transporte, que era o que ansiava a própria nação portuguesa para seu espaço, tanto o é que a inércia em modernizar o país foi um dos motivos decisivos para a queda da monarquia e, com ela, as estruturas que ela representava. Tais características apontam que a crise da personagem Jacinto não é apenas dele, mas estrutural, que passa a ser um reflexo não apenas de um homem específico, mas o dilema de todo o seu

1 Pessoa que vive de rendas.

tempo. Conforme Williams,

O campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações. Temos uma experiência social completa não apenas do campo e da cidade, em suas formas mais singulares, como também dos muitos tipos de organizações sociais e físicas intermediárias e novas [...].o contraste entre campo e cidade é, de modo claro, uma das principais maneiras de adquirirmos consciência de uma parte central de nossa experiência e das crises de nossa sociedade (WILLIAMS, 2011: 471)

O contraste, em que o autor opta pela tomada de posição manifestada na obra, revela também mais uma disposição crítica de Eça de Queiroz frente ao exagero do capitalismo, da alienação urbana e do indiferentismo por parte da rica burguesia do que um reflexo dos anseios portugueses. Como afirma Natário:

Embora todas as movimentações sociais, políticas e culturais que na Europa se desencadeavam tivessem importância para o que então em Portugal se ia verificando, é verdade também que a específica idiossincrasia portuguesa, de certa forma hesitante entre um certo tradicionalismo e o avançar para rasgar novos horizontes, constitui uma peculiar característica de identidade da forma de ser e estar dos portugueses. A procura de uma harmonia, de uma conciliação (reconciliação) entre o enraizamento e a errância, a *traditio* e a *revolutio*, coordenadas temporais e espaciais, principalmente consideradas entre os séculos XIX e XX, causaram [...] alguns problemas específicos. No *processus* civilizacional, às voltas com origens e matrizes, aceitando embora o novo e o diferente, elogiando às vezes mas nem sempre com convicção, principalmente no que se relaciona com a ideia de progresso científico, tudo parece caminhar muito lentamente, com as inevitáveis repercussões noutros níveis da vida em sociedade e na vida de cada um.

Parace-nos ser o caso desse romance de Eça de Queiroz. Há uma disputa entre dois tipos distintos de organização social, econômica e política, com inclinação ao modo português rural como mais adequado, porém, com pequenas concessões modernizantes. De fato, ao final, a solução encontrada pelo autor

parece uma sugestão subliminar do que seria o ideal: a inserção dos avanços propiciados pelas novas tecnologias (como a instalação dos telefones naquela região, a farmácia e as benfeitorias), sem descaracterizar totalmente o ambiente típico das Serras. E assim, o campo (ou Portugal, em certa medida) cedia, mas não completamente e sem perder sua identidade, aos encantos do capitalismo modernizador, possível pelo filho da cidade, mas descendente original daquelas terras imemoriais.

Referências:

BURNS, E. M. *História da civilização ocidental*. São Paulo: Globo, 2001.

ENGELS, Friederich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010.

GAGLIARDI, Caio. Introdução. In QUEIROZ, Eça. *A cidade e as serras*. São Paulo: Hedras, 2006.

NATÁRIO, Celeste. A Situação de Portugal na Europa no final do século XIX e início do século XX: a Geração de 70. In *Revista Estudos Filosóficos* n° 1 /2008 – versão eletrônica DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG pp. 100–109. Disponível em < <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>> Acesso em 14/jun/2014.

PARKER, Philip. *História mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

TENGARRINHA, José. Contestação rural e Revolução Liberal em Portugal. In MATTOSO, José; TENGARRINHA, José (Orgs). *História de Portugal*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: UNESP; Portugal, PO: Instituto Camões, 2000.

QUEIROZ, Eça. *A cidade e as serras*. São Paulo: Hedras, 2006.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.